

Pico/1991: Relatório (1-6)

**PERSPECTIVAS DE GEOGRAFIA HUMANA: CONTRIBUTOS
BIODEMOGRÁFICOS PARA O ESTUDO DA MORTALIDADE
INFANTIL NA POPULAÇÃO PICOENSE (AÇORES)**

HELENA MARIA CALADO
MARIA MANUELA LIMA
JOÃO PORTEIRO

Departamento de Biologia, Universidade dos Açores
Rua Mãe de Deus, 58. P - 9502 PONTA DELGADA codex

*"...a diversidade dos fenómenos criados
pelos acontecimentos demográficos confere à
investigação um carácter por excelência
multidisciplinar e, entre todas as ciências
humanas, a demografia é a que menos pode
alhear-se das outras."*

PICHAT, 1970

INTRODUÇÃO

A importância da interdisciplinaridade na investigação científica constitui uma das apostas do Departamento de Biologia da Universidade dos Açores. Neste âmbito, realiza-se todos os anos uma expedição científica a uma das nove ilhas do Arquipélago. Estas expedições privilegiam o contacto entre cientistas de diferentes nacionalidades e com formações diversas, com o intuito de conhecer melhor o arquipélago na sua diversidade, originada pela dispersão geográfica, e na especificidade da vivência própria de cada ilha.

No ano de 1991 realizou-se a Expedição Científica à ilha do Pico, na qual a Secção de Geografia participou com diversos objectivos; esta comunicação resulta de parte integrante de um deles. O facto desta Secção englobar o Núcleo de Antropologia Física, cuja vertente de investigação é a Biodemografia, constituiu uma oportunidade de melhor tentar compreender os acontecimentos demográficos em causa.

Após a análise de alguns indicadores demográficos (DREPA, 1988b) três questões essenciais foram individualizadas:

- I - O facto do Índice de Vitalidade da população ser muito baixo (Pico: 2,9%; RAA: 9,0).
- II- O acentuado decréscimo da Taxa de Crescimento Natural (Pico: 0,3%; RAA: 10,7%).
- III- As oscilações bruscas da Taxa de Mortalidade Infantil, que apresenta valores elevados, mesmo nos anos mais recentes.

A ilha do Pico pertence ao grupo central do arquipélago e representa 19,2% da área total do mesmo, constituindo a segunda maior ilha dos Açores (447,7 km²). Administrativamente, encontra-se dividida em três concelhos: Lages, Madalena e São Roque (DREPA, 1988b).

Apresenta um relevo vigoroso com 16,4% da sua superfície em cotas superiores a 800m, 41,2% em cotas inferiores a 300m e 42,4% em cotas compreendidas entre 300m e os 800m (IGC, 1969).

Os solos, no geral, por pouco meteorizados que são, têm fraca capacidade agrícola, requerendo a sua mobilização cuidados especiais.

As condições morfológicas da faixa litoral não são favoráveis à fixação de vilas dotadas de porto, dada a deficiente protecção dos ventos e das marés, mas as necessidades de pesca e comércio local deram origem a pequenos cais que permitem a acostagem de barcos de menor tonelagem.

Facto incontestável é a dependência administrativa e económica da população do Pico em relação ao Faial, que pervalece até aos dias de hoje; o papel polarizador da cidade da Horta reflecte-se na importância que assume a vila da Madalena (ponto de ligação entre as duas ilhas).

Através de mais de quinhentos anos de História (o povoamento deu-se por volta de 1460), os picarotos desenvolveram várias actividades económicas das quais se destacaram, no início, a cultura do trigo e a exploração do pastel. Seguiu-se a transformação dos campos de lava em ricos vinhedos e pomares. Por fim, a presença dos baleeiros americanos veio induzir uma nova actividade: a caça ao cachalote, que durante anos constituiu, além de fonte de rendimentos, um dos aspectos pitorescos da ilha (Carreiro da Costa, 1978; Bento, 1988).

A população do Pico apresentou-se, em 1981, como a mais envelhecida da região com um índice de envelhecimento de 84,5% (INE, 1991), contribuindo decisivamente para tal os elevados índices de emigração. O índice de perda de população a partir de 1960, nesta ilha, é superior ao registado no conjunto do Arquipélago (INE, 1991). O decréscimo marcado da taxa de crescimento natural está também intimamente relacionado com este facto.

O sector primário continua a ser aquele que domina na população activa, sendo nele que assenta a economia da ilha (42,2% do PIB em 1983), nomeadamente na produção agropecuária, quase exclusivamente para consumo interno (DREPA, 1988a). Esta agricultura de subsistência condiciona uma dependência da importação de produtos agrícolas. Somente a vinha, que na última década foi em parte abandonada, dá mostras de algum dinamismo, com a introdução, com sucesso, de novas castas, e a tentativa de recuperar a imagem de qualidade do vinho Verdelho, famoso nos séculos anteriores.

O sector secundário possui uma importância relativa (24,2% do PIB em 1983), que lhe advém do sector piscatório, indústria conserveira e pequenos estaleiros. A actividade transformadora é reduzida e limitada à indústria de lacticínios (DREPA, 1988a).

O Turismo não se revela uma actividade significativa, pese embora as potencialidades etnográficas e paisagísticas da ilha; dotada de alguns empreendimentos hoteleiros, falta-lhe a divulgação a nível dos circuitos turísticos regionais e exteriores.

Todas as actividades se ressentem de três carências básicas que condicionam as potencialidades da ilha: a falta de água, a carência de energia e a inexistência de mão de obra qualificada.

Também condicionante do desenvolvimento, é o sector dos transportes; no entanto a abertura recente do aeroporto e as obras de melhoramentos dos portos existentes podem induzir uma nova dinâmica nesta área.

Todavia a ilha do Pico continua a ver a sua população partir em busca de melhores condições de vida, e o vazio que fica dificilmente é preenchido.

MATERIAL E MÉTODOS

Os dados constantes deste trabalho foram obtidos a partir da consulta dos registos de óbitos e assentos de nascimento que se encontravam nos Registos Cíveis da Horta, São Roque, Madalena e Lages.

Pretendia-se inicialmente estudar o período inter-censos, mas dado que, a partir de 1990 deixa de constar no registo de óbito a causa de morte, perdendo-se assim um importante elemento de análise, optou-se por estudar o decénio 1980-1990.

A Taxa de Mortalidade Infantil foi calculada de acordo com a definição do Instituto Nacional de Estatística. Para efeitos de análise dos tipos de mortalidade infantil, consideraram-se os óbitos nos primeiros seis dias (mortalidade perinatal), entre o sétimo dia e um mês, inclusive (mortalidade neonatal), e entre um mês e um ano (mortalidade pós-neonatal).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os valores da Taxa de Mortalidade Infantil (TMI) para os concelhos da ilha do Pico estão apresentados no Quadro I.

Quadro I. Taxa de Mortalidade Infantil para os concelhos das Lages, Madalena São Roque, durante o período 1980/90.

Anos	TMI-Lages	TMI-Mad.	TMI-S.Roq.
1980	15.6	25.6	40.0
1981	0.0	0.0	0.0
1982	0.0	0.0	111.1
1983	0.0	0.0	0.0
1984	29.0	27.0	0.0
1985	57.1	0.0	0.0
1986	0.0	0.0	21.3
1987	0.0	0.0	0.0
1988	0.0	0.0	0.0
1989	0.0	0.0	0.0
1990	0.0	0.0	0.0

Constata-se que se tratam de valores extremamente oscilantes, onde em grande parte dos anos estudados a taxa apresenta o valor zero. Em contrapartida, no ano de 1982, em São Roque, a taxa atinge o valor de 111.1‰, apesar de se ter verificado apenas um óbito.

No Quadro II indicam-se os valores da TMI, para os anos de 1983/85 (DREPA, 1985), em oposição aos valores encontrados no presente estudo; é nítida a discrepância entre os mesmos.

Este facto poderá ser explicado pela forma como se efectuou a recolha dos dados, uma vez que se consideraram como óbitos dos concelhos do Pico apenas os aí registados.

Quadro II. Taxa média de Mortalidade Infantil para os três concelhos da ilha do Pico (1983/85), segundo dados do DREPA (1988b), e dados obtidos pelos autores (*).

Concelho	Taxa média (1983/8)	
	DREPA	*
Lages	20.3	28.7
Madalena	17.3	9.0
São Roque	31.1	0.0

Por outro lado, a não-existência de uma unidade hospitalar com internamento na ilha do Pico, condiciona a ocorrência quer dos nascimentos, quer dos óbitos infantis picoenses na vizinha ilha do Faial. Isto implica uma adulteração da Taxa de Natalidade e de Mortalidade Infantil, tanto do Pico como do Faial, como é visível na Figura 1.

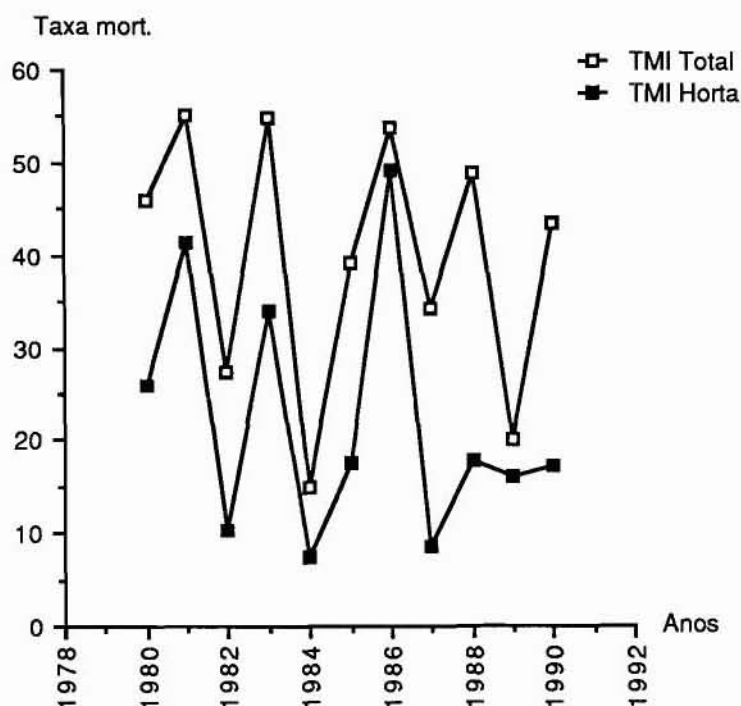


Figura 1. Taxa de mortalidade infantil da Horta, considerando todos os óbitos registados nesse concelho (TMI Total), e apenas os óbitos de crianças cuja residência habitual dos pais é na ilha do Faial (TMI Horta).

Como demonstrado pela Figura 1, após terem sido retirados dos registos da Horta os óbitos de crianças cuja residência oficial dos pais não é nesse concelho,

verificou-se um decréscimo acentuado dos valores da TMI, embora o padrão geral de evolução da taxa se tenha mantido.

Dadas as circunstâncias anteriormente expostas, optou-se por não efectuar uma análise específica da mortalidade infantil para cada concelho, mas sim considerar um universo único (Lages - S. Roque - Madalena - Horta).

Relativamente à análise dos tipos de mortalidade infantil (Quadro III), existe concordância entre os resultados apresentados e os valores globais indicados para o arquipélago (Direcção Regional de Saúde, 1989).

Quadro III. Valores percentuais relativos aos três tipos de mortalidade infantil.

Tipo de mortalidade	%
Perinatal	84.6
Neonatal	5.7
Pós-neonatal	9.8

A mortalidade na primeira semana de vida é claramente a mais elevada, assumindo os óbitos no período pós-neonatal um peso menos importante. Complementou-se a análise anterior com o estudo das causas de morte (Quadro IV).

Se admitirmos que os resultados apresentados possam servir de suporte para algum tipo de intervenção, ao nível do Plano de Saúde, e tendo em conta os equipamentos existentes (um Centro de Saúde por cada concelho no Pico, e uma Unidade Hospitalar no Faial), então as acções a desenvolver serão predominantemente no campo dos cuidados primários de saúde, nomeadamente na vigilância à grávida, não só com a educação da população, mas também com o apoio de especialistas.

Quadro IV. Causas de morte por tipo de mortalidade infantil, para a totalidade dos anos estudados.

Causa de morte	0-6	6d-1M	1M-1A	Total
Indefinida	3	2	0	5
Prematuridade	38	0	0	38
Malf. congénitas	17	0	1	18
Compressão/Circ. do cordão umbili.	12	0	0	12
Asfixia/Hipóxia	13	0	1	14
Apir. vómito	2	0	3	5
Pneumopatia	0	2	3	5
Gastroenterite	0	0	1	1
Morte fetal	2	0	0	2
SDR	6	0	0	6
S. morte súb.	0	2	1	3
Complic. parto	2	0	0	2
Outros	9	1	2	12

Estas medidas tenderiam a obviar o peso importante que apresenta tanto a prematuridade como as malformações congénitas. De salientar o facto de serem

quase inexistentes as causas de morte normalmente associadas a condições sócio-económicas deficientes.

Embora se reconheça o valor da análise da mortalidade (Marcuzzi & Martinelli, 1987; Tasso & Marcuzzi, 1990; Marcuzzi & Gottardo, 1991), através da determinação da TMI, da observação dos seus tipos e causas de morte, as conclusões a retirar estão condicionadas pela exactidão com que são anotados os dados, especialmente em regiões onde a dispersão geográfica dificulta a correcta análise dos fenómenos.

BIBLIOGRAFIA

- BENTO, C. M., 1988. *História dos Açores*, 172pp. Empresa Gráfica Açoriana, Ponta Delgada.
- CARREIRO DA COSTA, F., 1978. *Esboço histórico dos Açores*, 327pp. Instituto Universitário dos Açores, Ponta Delgada.
- DIRECÇÃO REGIONAL DE SAÚDE (ed.), 1989. *Plano de Saúde*, vol. 1. Angra do Heroísmo.
- DREPA - Departamento Regional de Estudos e Planeamento (ed.), 1988a. *Açores-Estrutura Agrária*. Angra do Heroísmo.
- DREPA - Departamento Regional de Estudos e Planeamento (ed.), 1988b. *Pico-Characterização*. Angra do Heroísmo.
- INE - Instituto Nacional de Estatística (ed.), 1991. *Censos 91: resultados provisórios*. Lisboa.
- INSTITUTO GEOGRÁFICO E CADASTRAL (ed.), 1969. Carta Militar de Portugal-Arquipélago dos Açores, Ilha do Pico, escala 1: 50 000.
- MARCUZZI, G. & P. MARTINELLI, 1987. Nuovi apporti alla demoeologia delle isole linguistiche tedesche - La mortalità a Luserna e Lavarone (Altopiano di Asiago o dei 7 comuni). *Quaderni di Ecologia Umana*, 16.
- MARCUZZI, G. & D. GOTTARDO, 1991. Trends in mortality in some german linguistic island of south-eastern Alps (Carnia). *Quaderni di Ecologia Umana*, 23.
- PICHAT, J. B., 1970. A demografia, 163pp. Livraria Bertrand, Lisboa.
- TASSO, M. & G. MARCUZZI, 1990. Demoeologia di una Valle Lombarda. La Mortalità nella Valle di Scalve (Prealpi Bergamasche). *Quaderni di Ecologia Umana*, 20.